

ILUSÃO/DESILUSÃO EM SONETO CAMONIANO

Valci Vieira dos Santos

Fala-se em crise desde há muito tempo. Crise na política, crise na economia, crise de valores, crise da história, da literatura, etc. Há diversas tentativas de definição em torno do verbete crise, dentre elas, uma se nos aflora: “‘crise’ significa duas coisas, simultaneamente: uma mutação importante e uma situação difícil.” Assim, quando há dificuldades, tende-se a associá-las à ideia de crise. Mas a crise anuncia também possíveis mudanças, apesar de, em geral, pensar-se mais em complicações e problemas que em apontar soluções e caminhos desprovidos de óbices, o que acaba por dificultar a sua assimilação, sem indicar saídas.

A literatura tem sido esse espaço por excelência a serviço também do registro de fatos históricos que marcaram grandes feitos da humanidade. Fatos esses que evidenciaram grandes crises, quase sempre acompanhadas de profundas mudanças.

Assim, dentre os vários poetas e romancistas portugueses que registraram em suas mais diversas obras literárias tais mudanças, Camões, certamente, merece nossas deferências, haja vista sua inquestionável capacidade de captar os mais diferentes movimentos sociais, políticos, culturais, ideológicos, etc., comprovadamente presentes em seus tecidos literários.

Na galeria composta de textos camonianos, fácil é encontrar monumentais obras que serviram de testemunho dessas crises vividas pelo homem, em especial o renascentista, as quais culminaram em graves mudanças para a humanidade.

Escolhemos um soneto que traduz uma época profundamente marcada pelo rompimento de barreiras; por uma sucessão de crises originárias dos fortes ventos de mudanças finiseculares. Abre-se-lhe com o verso *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*, em que o poeta desenvolve o tema renascentista da mudança. Camões, ao abrir o soneto com expressões tão contundentes, anuncia um tempo histórico – no caso, o século XVI, especialmente –, tempo de deslocamentos, de choques entre opiniões opostas, de ideologias que mediam forças entre si.

Os novos tempos haviam chegado para ocupar um espaço antes ocupado pelo pensamento medievalista. Dessa forma, temos alguns pares de forças contrárias ilustrativas desse período marcadamente convergente e divergente: pensamento medieval/pensamento moderno; feudalismo/mercantilismo; teocentrismo/antropocentrismo. Nos três versos seguintes que formam o primeiro quarteto do soneto, o espírito de mudança percebido pelo poeta reforça a ideia primeva, i.e., a de que o homem estava fatalmente condenado a sentir os novos ventos que pairavam sobre a terra, bem como a respirar os novos ares proporcionados pelo desejo de experimentar o diferente, até porque a mudança é a lei da

Valci Vieira dos Santos é Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa, Membro do Conselho Editorial da *Revista Mosaicum* e Professor da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e da Faculdade do Sul da Bahia (Fasb).

E-mail: valcisantos@bol.com.br

vida. Senão, vejamos:

muda-se o ser, muda-se a confiança;
 todo o mundo é composto de mudança,
 tomando sempre novas qualidades.”

Ainda como possibilidade de leitura dos versos acima, a presença do verbete “confiança” revela-nos um estado de espírito da época: o “velho” homem preso a velhos dogmas, aos mitos cerceadores de seu crescimento, agora, adquire confiança em si mesmo. Sente-se que é capaz. Percebe e deseja qualidades que acredita serem-lhe inerentes, mas que, no entanto, foram manipuladas e administradas por interesses quase sempre escusos.

A quadra que se segue é também denunciadora da visão cíclica de mudança. Tudo muda. As novidades continuamente assimiladas pelo homem diferem de tudo aquilo que esperava, menos a dor. Esta, sua sempre presente companheira, não resiste até mesmo às novas nuances, aos novos matizes. O passado, apesar das fissuras deixadas, leva-o à reflexão. A lembrança do não-dito, do não-feito, do não-sentido marca-o, levando-o às mágoas. T tamanha é a sua desilusão que chega a questionar a im(probável) existência do bem, daí sentir-se saudades não convincentes, advindas de dúvidas:

Continuamente vemos novidades,
 diferentes em tudo da esperança;
 do mal ficam as mágoas na lembrança,
 e do bem – se algum houve –, as saudades.

A oposição entre o tempo da natureza e o tempo humano, detectados já no início do poema, volta a se fazer presente em seu primeiro terceto: *O tempo cobre o chão de verde manto,/ que já coberto foi de neve fria, / e enfim converte em choro o doce canto.* Estes versos – os dois primeiros – nos trazem imagens associadas a duas estações do ano, quais sejam: a primeira e o inverno. O chão coberto de verde é metáfora da esperança nutrida pelo homem que vive sob os auspícios de novos desejos, imbuídos de outras necessidades. Não mais quer e nem intenciona voltar a pisar o frio chão coberto de neve, o qual se constituiu em arrefecimento de sonhos e impossibilidade de sua realização. Apesar do não-desejo, o poeta sente que o seu tempo só possui invernos, ao contrário do da natureza, que só possui primaveras, por isso seu “doce” canto não ecoa e se converte em lamento.

O último terceto é revelador da desilusão do poeta. As mudanças que acreditava serem possíveis, não mais acontecem. No tempo dos homens, não se percebe mudanças como antes. Trata-se, em última análise, da mudança mais surpreendente. Por isso, ela causa-lhe grande espanto: *E, afora este mudar-se cada dia, / outra mudança faz de mor espanto: / que não se muda já como soia.*

Ilusão/desilusão. O poeta transita entre as duas instâncias. *A priori*, ilude-se com as perspectivas de obter o que espera face ao anúncio das “novidades” capitaneadas pelas grandes descobertas e mudanças de atitude, uma vez que o mundo está em permanente transformação, e ele sabe que essa transformação não se constitui num mero acidente, afinal, ela é inerente à essência das coisas; em seguida, desilude-se ao descobrir ter apostado todas as suas fichas num pretenso curso linear de mudanças. Mas o veredicto

é-lhe contundente: o tempo dos homens, ao contrário do tempo natural, que é cíclico, repetitivo, desloca-se à medida que os seus interesses revelam-lhe escorregadios e mutantes. Na verdade, a própria mudança não é mais a mesma, até porque ela também mudou.

Referências bibliográficas:

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Cultrix, 2004.

CAMÕES, Luís de. **Sonetos**. São Paulo: Publicações Europa-América: s.d.